



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº19 MAIO/JUNHO 1992 BIMESTRAL

HELLEN KELLER
UM MUNDO NOVO
PARA MUITAS CRIANÇAS

EDITORIAL

Depois da Segunda Guerra Mundial, com uma Europa dividida e os mortos de Hiroxima e Nagasaki, nasceu a UNESCO. No preâmbulo da sua declaração diz-se: "As guerras surgem no espírito dos homens e é no espírito dos homens que devem ser inculcados os princípios da paz." Recordam-se anos mais tarde que a "infância tem direito a uma ajuda e assistência especiais (...)" e que "a criança, para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, deve crescer num ambiente familiar, em clima de felicidade, amor e compreensão".

Em 1959 é adoptada e proclamada a Declaração dos Direitos da Criança, e desde então, resoluções e medidas específicas sobre a protecção de menores, mulheres e

crianças em situação de emergência de conflito de armas têm sido tomadas. No Preâmbulo da Convenção dos Direitos da Criança, considera-se que "importa preparar plenamente a criança para viver uma vida individual na sociedade e ser educada no espírito dos ideais proclamados na Carta das Nações Unidas e, em particular, num espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade, igualdade e solidariedade".

Estamos no início da última década do século XX. As prodigiosas conquistas da tecnologia, as avançadas descobertas da ciência, as sofisticadas formas de acesso à comunicação e ao bem-estar podem levar-nos a acreditar num futuro melhor. Mas podem também fazer-nos temer a destruição total

do Homem, a aniquilação do Mundo e a ruptura do Universo.

Hoje, uma parte importante do mundo está em guerra. E o IAC recebeu um apelo. Veio da Croácia e refere que 230 mil refugiados da Bósnia e da Herzgovina, dois terços dos quais são crianças, necessitam de alimentos, medicamentos e de ajuda. É necessário lutar pela defesa de quem está em perigo. Um pólo aglutinador de solidariedade e empenha-

mento deve ser dinamizado através de instituições que, como o IAC, defendem os direitos da criança e desejam que a humanidade possa viver em paz e harmonia.



ACTIVIDADE LÚDICA

SEMINÁRIO CONHECER A CRIANÇA PAG. 2/3

JOGOS NO MEDITERRÂNEO PAG. 8

CONHECER A CRIANÇA

A CONVITE do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, deslocou-se a Portugal a pedagoga brasileira Nylse Cunha, a fim de transmitir a sua experiência, que, integrada num conjunto de iniciativas, teve um dos seus pontos altos nos seminários sob o tema "Conhecer a Criança", realizado na Escola Superior de Educação da Guarda e no Pólo de Seia.

No seminário, que decorreu durante o mês de Maio e contou com a presença de professores, educadores, psicólogos, médicos, para além de outras pessoas ligadas à

educação, participaram ainda, pelo IAC, Leonor Santos ("O IAC e a defesa dos direitos da criança, actividades e projectos") e Natália Pais ("A actividade lúdica como manifestação afectiva sociocultural"), que também representou o Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian.

Passando pela Universidade de Trás os Montes e Alto Douro-Vila Real, com visita ao Pólo de Chaves, onde se realizou uma acção de formação de professores, educadores e alunos sobre "A defesa do direito de brincar" (Leonor Santos), ou-



MESA DE SESSÃO DA UNIVERSIDADE DE VILA REAL

tras acções tiveram lugar, em Gouveia, Belmonte e Sabugal, nomeadamente através de contactos com os respectivos municípios.

"As ludotecas são uma resposta possível aos problemas dos horários de trabalho dos pais, considerando o leque de respostas que oferece. Porque não é uma creche, nem uma escola, nem um jardim

de infância, a ludoteca pode ser um espaço de jogo extrafamiliar e extra-escolar, onde pais e crianças podem ir", afirmou Leonor Santos nesta sua intervenção, para acrescentar que "a ludoteca pode ser um projecto comunitário, um projecto social, um projecto cultural, um projecto educativo".

"A nossa sociedade actual re-

UMA ACÇÃO DE FORMAÇÃO BRINCAR COM CRIANÇAS EXCEPCIONAIS

O IAC, com o apoio do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, e a Liga Portuguesa de Deficientes Motores, organizaram, nos dias 2, 3 e 4 de Junho, uma acção de formação, sob o tema "A importância da actividade lúdica no desenvolvimento da criança deficiente".

Esta acção contou com a participação da pedagoga brasileira Nylse Cunha, que abordou os temas "Estimulação do desenvolvimento da criança deficiente através do brincar" e "Brinquedoteca terapêutica — um projecto de apoio à

família da criança deficiente", para além de Cristina Passos, psicóloga, e Conceição Feijó, educadora de infância da Liga de Deficientes Motores, que apresentaram o trabalho "Integração social da criança deficiente através da actividade lúdica".

Na sua dissertação, subordinada ao tema "Estimulação do desenvolvimento da criança com necessidades educativas especiais através do brincar", Nylse Cunha começaria por perguntar: "Quem é excepcional?" Para depois responder: "Todos somos, pois todos nós somos diferentes, todos nós precisamos de atenção, só que alguns precisam de um pouco mais de atenção porque têm dificuldades maiores, que requerem atendimento especial."

As crianças desenvolvem-se através da sua interacção com o

BOLETIM DO IAC
Nº 19
MAIO/JUNHO
1992

director

Martilde Rosa Araújo

coordenação

Grupo Técnico do IAC

António Torrado

Clara Castilho

Leonor Santos

edição

Instituto de Apoio à Criança

Av. de Berna, 56, 3º

1000 Lisboa

concepção gráfica

e produção

Joana Imaginária

pré-impressão

VJ-Fotocomposição

Lda

impressão

Minerva do Comércio

Depósito Legal

Nº44475/91

tiragem

3000 ex.

conhece, pelo menos em princípio, o direito de brincar”, pois, salientaria, esse direito “deverá fazer parte integrante da sua vida”. Estabelecendo a relação do brincar relativamente à criança e ao adulto, Leonor Santos diria que para aquela se tratava de uma actividade necessária ao seu desenvolvimento integrado, para este “é visto como uma actividade de lazer, um passatempo agradável”.

Natália Pais, por sua vez, abordaria igualmente a temática do brincar, que definiu como “uma linguagem facilitadora de vivências em comum, cujo significado se renova permanentemente e, por isso, constitui um meio de comunicação capaz de minimizar a diferença dos estatutos e de ultrapassar a divergência dos códigos”.

Acentuando que brincar “implica o prazer de estar livre para des-



cobrir novos significados, encontrar novas soluções, transmitir novas mensagens, criar novos afectos”, Natália Pais concluiria que, “porque é agradável, porque diverte, porque favorece a evasão, porque é imprescindível à saúde mental das pessoas e dos grupos, brincar — conseguir o equilíbrio entre o conhecido e o imaginário, entre a liberdade e o prazer — é, na verdade, uma coisa muito séria”.

Estas acções descentralizadas, pode dizer-se que foram coroadas de êxito, pelas respostas que é de crer que tenham por parte das diferentes entidades envolvidas, nomeadamente da parte de presidentes de câmara. A exposição de ideias, baseadas noutras experiências, constituem, muitas vezes, o embrião do que, algum tempo depois, se pode ver realizado.■

ambiente que as envolve, mas a profundidade dessa interacção vai depender da sua capacidade de interagir, adiantaria a pedagoga. “A criança bem dotada é motivada a agir porque extrai do seu meio estímulos provocadores de acção; entretanto, a criança portadora de uma deficiência pode não captar esses estímulos ou não saber como reagir a eles, ficando assim privada das melhores oportunidades de desenvolvimento. Essa é a razão pela qual pode precisar de ajuda até para brincar.”

Os primeiros trabalhos em torno da utilização pedagógica de brinquedos, informaria Nylse Cunha, surgiram ligados a famílias excepcionais, pois “a criança excepcional precisa de ser correctamente estimulada para alcançar o desenvolvimento máximo das suas potencialidades”

“Todas as crianças precisam de brincar, todas as crianças precisam de estimulação, mas as crianças deficientes dependem dessa estimulação para se desenvolverem”, continuaria a pedagoga brasileira, que de imediato alertou: “Nem sempre as pessoas que com elas interagem estão preparadas para fazê-lo de maneira eficiente; a utilização de um brinquedo inadequado à etapa de desenvolvimento na qual a criança se encontra pode provocar mais frustração ao deficiente. Certos casos requerem algumas adaptações no brinquedo para que se torne viável. Embora não exista isto que se chama “brinquedo para excepcionais”, pois os brinquedos são exactamente os mesmos que qualquer

criança usa, às vezes é necessário seleccioná-los com mais cuidado, porque precisam ser coerentes com as necessidades e o nível de desempenho da criança. A actividade de brincar provoca um clima de descontração e de afectividade dentro do qual a interacção pode fluir mais naturalmente.”

Sempre que for possível, alerta Nylse Cunha, a escolha deve partir da criança. “O especialista em brinquedos, se julgar necessário, fará uma selecção prévia para que a escolha da criança seja mais oportuna, mas é ela quem deve escolher. A selecção prévia é necessária para que a exploração do brinquedo seja mais enriquecedora e não cause frustração para a criança. Algumas sugestões podem ser feitas, levando-se em conta as limitações e as potencialidades dos seus usuários.”■

BOA VONTADE

FALAR da história do apoio à criança com deficiência visual implica falar no nome de três pessoas: Maria Amália Borges (que referenciámos no nº 5 do nosso Boletim), João dos Santos, que não carece de apresentação, e Henrique Moutinho, médico oftalmologista de renome internacional.

Maria Isabel Pereira, educadora de infância, trabalhou 25 anos com estas crianças, antes da formação do Centro Hellen Keller e já

depois, estando actualmente a trabalhar na DSESO do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa. Com ela falámos para recolher os dados necessários para a elaboração desta história.

depois, estando actualmente a trabalhar na DSESO do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa. Com ela falámos para recolher os dados necessários para a elaboração desta história.

troca de apoio pedagógico e psicológico da dr.ª Maria Amália e do dr. João dos Santos às crianças do asilo. Neste intercâmbio, tentava este núcleo de pessoas fomentar algumas modificações nesta instituição asilar, por exemplo, organizando festas em comum. As alunas do

asilo tinham grande pavor das sirenes dos bombeiros que havia em frente. Deixaram de o ter quando o dr. João dos Santos sugeriu que elas fossem lá, se sentassem nos carros, accionassem as próprias sirenes.

Entretanto, criou-se a Fundação Sain, de cuja direcção o dr. Henrique Moutinho fazia parte e onde começou a defender que, para além dos cegos adultos era preciso apoiar os cegos crianças. Assim, esta Fundação passou a integrar este núcleo inicial, surgindo o Centro Infantil da Fundação Sain com o sector infantil, primário e ciclo preparatório, a funcionar na Avenida Óscar Monteiro Torres e com novas professoras para os respectivos sectores. Tínhamos já a carrinha e os meninos com farda. Mais tarde, vêm a juntar-se ao sector de adultos na Av. D. Carlos, onde aproveitávamos os recursos da zona, como por exemplo os ginásios. A Tapada da Ajuda foi sempre um local onde as crianças tinham contacto com a natureza.

Uma das preocupações desta equipa era a formação dos profes-



JOÃO DOS SANTOS E ISABEL PEREIRA, NO CIIHK, EM 1986

tos socioeducativos do país, através das suas próprias especialidades."

PRIMEIRA CLASSE DE AMBLÍOPES

"Assim, em 1955 criam o Centro de Reeducação Visual-Clinica de Amblíopes, com a primeira classe de amblíopes. Aí, a convite do dr. João Santos, fui a primeira professora dessas crianças. Como é que então se actuava com estas crianças? Devido à sua deficiência, partia-se da *Cartilha de João de Deus*, formato grande, tendo as letras a preto e a vermelho, e de fichas feitas em tamanho grande. Utilizava-se também a então chamada *educação pela arte*, orientada por Cecília Menano, em que a pintura, desenho, digitinta e barro são expressões livres da criança. A personalidade da criança era a primeira preocupação, utilizava-se o contacto com o meio, a saída para a rua.

No início, o apoio financeiro vinha do Rotary Club, das quotas dos sócios da Liga de Profilaxia da Cegueira e do dr. Henrique Moutinho.

Primeiro, funcionámos no hoje Colégio Claparedé, depois numas instalações cedidas pelo Asilo António Feliciano de Castilho, em

depois, estando actualmente a trabalhar na DSESO do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa. Com ela falámos para recolher os dados necessários para a elaboração desta história.

"É uma história de iniciativas, de 'carolices', de 'desenrascanços', de boa vontade e de muito amor por aqueles que, até então, eram votados à sua 'desgraça'." As crianças cegas, amblíopes e outro tipo de deficiência visual eram internadas em instituições, como o Asilo António Feliciano de Castilho, onde perdiam as poucas capacidades visuais que possuíam, indo engrossar o número de cegos totais. Em 1930, o dr. Mário Moutinho trouxe para Portugal a ideia de que se pode reeducar a visão para recuperar algo que se perdeu e para se não perder o que se tem, fundando a Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira. Mais tarde, junta-se um grupo de pessoas com uma visão de educação diferente. Uma é seu filho, o dr. Henrique Moutinho, grande médico oftalmologista, que afirmava: *Vivemos numa época em que os médicos se vão pouco a pouco convencendo de que quando a sua arte nada pode fazer por um doente, a sua tarefa não está acabada.* Daí a necessi-

CENTRO INFA

MARIA EDUARDA PEREIRA DIAS

EM 1955, a Liga de Profilaxia da Cegueira (constituída em 1936, tendo como presidente o dr. Mário Moutinho) cria o primeiro centro de reeducação de diminuídos visuais em Portugal. A convite da referida liga, em Março de 1956, Hellen Keller vem a Portugal e, com grande satisfação, dá o seu nome ao centro.

Procurando responder às necessidades educativas especiais das crianças e jovens que não reuniam condições para transitar ao ciclo preparatório, em 1982 inaugura-se o sector pré-profissional, preenchendo assim uma lacuna da educação especial, vindo em 1990 a transformar-se



E MUITO AMOR

CINCO PONTOS EM QUE DEVE ASSENTAR A AJUDA:

- 1º — Ensinar o cego a ser cego.
- 2º — Preparar o meio familiar.
- 3º — Dar a conhecer o mundo ao cego através dos seus outros sentidos.
- 4º — Fazer do cego um homem entre os homens.
- 5º — Educar o público para receber o cego.

In: "Recuperação das inferioridades visuais", Henrique Moutinho, João dos Santos, Maria Borges e outros, separata do Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, tomo CXXI, nº 4, 1957.

CLASSE DE AMBLIOPES - ACTIVIDADE DE VIDA PRÁTICA (1958/59)

sores em todas as matérias relacionadas com a problemática destas crianças — oftalmologia, psicologia, ginástica, pedagogia.

Em 1958 fui para Paris estagiar em classes de amblíopes. Aí, tomo contacto com o Movimento da Escola Moderna francesa, que vem ao encontro da forma como já trabalhávamos em Portugal e nos vai ajudar, ainda mais com o emprego da imprensa na escola — técnicas Freinet. As crianças passaram a fazer os seus próprios livros, com os seus próprios textos, com o tamanho de letra necessário a cada um."

ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA PARA TODOS

"Entretanto, penso que em 1961, a Fundação Sain começou a considerar que deveria ser só para adultos e deixou de nos dar apoio. E como é que nos salvámos? Através da iniciativa dos pais. A lei dizia que todas as crianças tinham direito a escolaridade. Então, os pais foram ao Ministério da Educação exigir instalações para os

seus filhos terem aulas sem irem para asilos, visto que na Fundação Sain as classes de ensino primário existentes já eram oficialmente postos escolares. O Ministério só tinha instalações, a nível de deficiência, para os deficientes mentais. Então, cederam-nos duas salas numa escola no Bairro de Alvalade, para as clases de ensino primário.

Mais tarde, em 1962, com o apoio da Misericórdia de Lisboa e da Fundação Gulbenkian, aluga-se uma casa no Jardim Constantino, onde, pela primeira vez, aparece a placa *Centro Hellen Keller*. Depois de a dr.^a Maria Amália ter emigrado, por razões políticas, e com grande desgosto seu, para o Canadá, assume a direcção a dr.^a Ana Maria Benard da Costa. Aí se começaram a integrar crianças *normais* nestas classes, vindas de uma experiência anteriormente iniciada em casa da dr.^a Maria Amália, tendo em vista um futuro colégio, que se não veio a realizar por razões políticas.

No ano lectivo de 1962-63, o Ministério da Educação substitui os dois postos escolares, em virtude

do aumento da população, por duas escolas primárias.

Os anos passaram, as instituições mudaram, o exemplo foi frutificando. Hoje a realidade é diferente, e os meninos cegos já não são internados em asilos, antes estudam em centros de recursos e quando à tarde terminam as suas aulas voltam para casa, ou para lares no caso de serem de longe, indo aos fins-de-semana a suas casas.

Mas muitos, muitos mesmo, já nem precisam de se deslocar das suas terras. Temos oficialmente em todo o país equipas de apoio ao ensino integrado que os apoiam nas escolas regulares das suas povoações, onde normalmente fazem a escolaridade obrigatória.

Equipas de ensino domiciliário dão apoio às mães das crianças cegas e com outras deficiências, logo desde que elas nascem. *Uma criança cega pode ser educada sem ser reeducada? Acreditemos que sim, na medida em que as mães visuais sejam ajudadas a compreender os filhos cegos.*" 1

CENTRO INFANTIL HELLEN KELLER

no ciclo preparatório.

Actualmente, frequentam o Centro Infantil Hellen Keller (CIHK) cerca de 150 crianças e jovens entre os 3 e os 16 anos, distribuídos pelos quatro sectores — jardim infantil, ensino primário, estimulação e desenvolvimento e ciclo preparatório. Desde 1973, o CIHK funciona em instalações próprias, na Avenida Dr. Mário Moutinho, na freguesia de S. Francisco Xavier, em Lisboa.

OBJECTIVOS

O CIHK é uma instituição privada de solidariedade social integrada na Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira e

baseia a sua acção nos princípios orientadores da não discriminação de sexo, religião, cor, da integração e promoção sociais da criança e jovens deficientes, maximizando todo o seu potencial básico, sensibilizando a comunidade e a sociedade em geral para a aceitação das diferenças.

Tem como objectivos o acompanhamento e atendimento escolar, bem como a inserção familiar social de crianças e jovens deficientes visuais, multideficientes e normo-visuais.

Para a prossecução dos seus objectivos utiliza como meios: o atendimento e



CENTRO INFANTIL HELLEN KELLER

estimulação precoces a bebês dos 0 aos 3 anos; a estimulação cognitiva e a promoção do desenvolvimento global e harmonioso de crianças em idade pré-escolar; o acompanhamento escolar e terapêutico de crianças e jovens; a promoção da autonomia a nível de aquisições básicas; o trabalho com a família; a formação contínua dos quadros técnicos e de apoio que directamente interagem com as crianças e jovens.

Pela complexidade e amplitude de algumas das acções desenvolvidas, realiza protocolos de cooperação com entidades e serviços cuja vocação se insere na qualidade das respostas que o Centro necessita.

O MODELO DE INTEGRAÇÃO

Salientamos já ter sido o CIHK a primeira escola em Portugal a fazer a integração sociopedagógica de crianças deficientes visuais. A iniciativa ficou a dever-se aos seus fundadores que, numa inter-relação de saberes, estudaram a problemática da integração e promoveram a sua concretização estabelecendo uma proporção de dois terços de crianças deficientes visuais par a um terço de crianças normo-visuais.

Este modelo foi pensado tendo como referência a marginalidade a que eram sujeitas as crianças cegas, cuja educação era ministrada em estabelecimentos asilares ou instituições que mantinham as características destes, com toda a carga negativa que o termo contém.

João dos Santos explicava, em 1980: "Éramos, há 25 anos, um grupo que acreditava na democracia e falávamos de uma acção social que se não confinasse ao espaço restrito do nosso ofício de tratar doentes adultos ou crianças das escolas, antes se alargasse ao campo de uma acção social que beneficiasse todos. Não era o saber que nos levava a embarcar na aventura de lançar ideias, era a sabedoria ingénua, firmada na convicção de que a realidade quotidiana das crianças cegas era demasiado pungente para ficarmos inactivos. Tivemos ao encontro da realidade e descobrimos, no dia-a-dia da nossa acção, um ideal que nos dispunha ao encontro."

A ideia que presidiu foi proporcionar à criança deficiente visual uma educação que visava, por um lado, a sua socialização através do contacto directo com crianças normo-visuais, porque só assim se podem adquirir hábitos sociais, interiorizando as normas, os padrões e os modelos da sociedade e, por outro, o acesso a um programa idêntico ao ministrado no ensino regular e em regime de externato.

Relativamente à criança normo-visual, a intenção foi dar-lhe uma perspectiva do seu papel social perante a deficiência.

Pensamos que a interiorização do conceito de cegueira passa por uma fase lúdica, que parece facilitadora da compreensão do problema.

A iniciativa foi bem sucedida e mantém-se, tendo contudo que atribuir grande relevo à componente pedagógica, pois consideramos que os processos de integração só

têm efeitos positivos se acompanhados por ajustamentos pedagógicos dirigidos à população escolar.

Verificamos ter sido um factor determinante a utilização da pedagogia Freinet, com todo o potencial de vida que lhe está subjacente.

MODELO PEDAGÓGICO

O modelo pedagógico, enriquecido com a nova pedagogia, continua baseado na pedagogia Freinet, centrada na criança como membro da comunidade, cada a partir das suas necessidades essenciais e em função da realidade a que pertence. É a escola preparada para o futuro visando a preparação para a vida.

Esta preparação para a vida tem como nosso objectivo prioritário a integração para as crianças normo-visuais e a educação para as deficientes visuais, especialmente para que as últimas possam amanhã participar activamente na sociedade e não qualquer outro dos seus membros.

A criança com deficiência visual tem necessidade de ser estimulada, não apenas que através do contacto com os objectos, com a realidade, movimentando-se e relacionando-se com o ambiente, interagindo com outras crianças e com os adultos, mas que lhe sejam propiciadas as condições que irão motivar a aprendizagem e serão facilitadoras da socialização.

Freinet (1969) responde a este imperativo da educação da criança cega quando conclui: "a pedagogia se deve preparar para colocar a criança em condições que lhe permitam explorar o mundo, ordenar a pouco e pouco o conhecimento das suas experiências e transformar a acção útil, na medida das suas possibilidades e possibilidades sucessivas. Deve permitir exprimir-se livremente, a cada vez, também, por fases, a expressão da humanidade em campos diferentes como o prático, o científico, o moral, o artístico, assimilar agindo, e no momento em que a utilidade de assimilar é flagrante".

É precisamente esta tão fecunda experiência humana que nós privilegiamos.¶



FESTA
DE CARNAVAL
NO CIHK

Texto retirado
e adaptado do livro "A Socialização da Criança", ISPA, Lisboa

UM ARCO-ÍRIS PARA A VIDA

CENTRO Residencial Arco-Íris é o nome que tem, desde 12 de Maio último, o também conhecido Lar Valmor, cuja história remonta a Outubro de 1976, quando o Instituto Médico Pedagógico Condessa de Rivas foi integrado no então Centro de Educação Especial de Lisboa.

Funcionando como escola de ensino especial, com um internato de apoio residencial, o Centro destinava-se às crianças e jovens com deficiência intelectual que residiam fora de Lisboa ou não tinham retaguarda familiar ou estavam sob tutela do Tribunal de Menores.

Acompanhando a passagem histórica do modelo médico-pedagógico tradicional para o modelo socioeducativo, e de normalização das crianças e jovens, a valência de apoio residencial auto-

nomizou-se, passando esta resposta a ser dada pelo Lar Valmor, na Avenida Visconde Valmor, 49, em Lisboa.

O grupo alvo abrange 21 crianças e jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 8 e os 20 anos. Para recolher crianças em situação de emergência infantil estão reservados três lugares. Uma equipa de 18 funcionários, que funciona em sistema de *roulement*, acompanha, 24 horas por dia, as crianças e jovens.

Na inauguração das novas instalações do Centro Residencial Arco-Íris, que contou com a presença do ministro de Emprego e Segurança Social, estiveram presentes, pelo IAC, Manuela Eanes e Celeste Porto. |

ASSOCIAÇÃO PARA APOIO À MULHER E À FAMÍLIA AJUDA DE MÃE

UMA nova associação de solidariedade social, sem fins lucrativos, para apoio à família e à mulher grávida e educação e formação de mães, foi constituída. Chama-se Ajuda de Mãe.

Ajuda de Mãe propõe-se promover apoios a futuras mães, identificando cada situação, prestando o primeiro apoio humano e médico e encaminhando os casos para os serviços de assistência competentes, para o que conta com ginecologistas, juristas, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais.

Ligada a muitas organizações que em todo o mundo realizam um trabalho semelhante, Ajuda de Mãe sintetiza as "razões de ser do empreendimento" da seguinte forma: "A grávida, ao saber que alguém a apoia e ao seu bebé altera radicalmente a sua posição face ao aborto. A resolução do problema está

em promover um ambiente em que as pessoas não vivam abandonadas. A nossa sociedade tem de entender a pessoa humana cheia de potencialidades."

A associação — que conta com os apoios da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, bem como das do Montijo e Almada, da União das Misericórdias Portuguesas, do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e da Câmara Municipal de Lisboa (Pelouro da Acção Social) — prevê vir a atender

20 casos de acolhimento telefónico e iniciativas de aconselhamento por dia; 25 novos casos pessoalmente, por semana, e fazer o acompanhamento humano e jurídico de 50 casos num período de dois meses.

Ajuda de Mãe é na Rua D. Cristóvão Gama, 16, 1400 Lisboa, e tem o telefone 3011279. |

METROPOLITANO
DE LISBOA

CRIANÇAS SONHARAM A EUROPA

QUEM passou no dia 3 de Junho, entre as 10 e as 17 horas, nas estações do Metropolitano de Lisboa de Alvalade, Cidade Universitária e Restauradores pôde assistir a uma animação muito especial... Ali foram apresentados os trabalhos realizados pelas crianças que participam no Projecto "As crianças Sonham a Europa".

Este Projecto, que o IAC acarinhou, no âmbito do Projecto Trabalho de Rua com Crianças em Risco ou Situação de Marginalidade, conta com a parceria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Direcção-Geral do Serviço Tutelar de Menores; Câmara Municipal de Lisboa, Centro Regional de Segurança Social da Amadora, Escolas Primárias n.ºs 1 e 3 da Buraca e n.º 33 de Alvalade, n.º 117 do Bairro do Relógio e n.º 125 do Bairro da Boavista.

Em todas as estações, as crianças apresentaram os trabalhos que desde Fevereiro realizaram relativos aos temas: "Apresentação de criança — a sua casa e família"; "O quotidiano da criança — a escola"; "A cidade onde moram".

Na estação de Alvalade, estiveram presentes as escolas de Alvalade e a n.º 117. A estação da Cidade Universitária foi animada pelo Projecto Rua/IAC e a Santa Casa da Misericórdia. A estação dos Restauradores contou com a presença da representação da Direcção-Geral do Serviço Tutelar de Menores, da Escola n.º 15 e das Escolas n.ºs 1 e 3 da Buraca.

Sonhando Portugal, começaremos a sonhar a Europa — porque partilhando e construindo em conjunto, as crianças trocam experiências, visitas, trabalhos, e ganham amigos.

Um voto, um desejo, que val com certeza ter continuidade. |

EM JANEIRO DE 1993

OS JOGOS NO MEDITERRÂNEO



Com o objectivo de contribuir para a identificação e reflexão das práticas lúdicas nos Países do Mediterrâneo, centrando o estudo das actividades lúdicas das crianças numa visão comparativa em função de referências espaciais e históricas, vai realizar-se, de 13 a 15 de Janeiro de 1993, na Fundação Calouste Gulbenkian, o encontro "Os Jogos no Mediterrâneo — As Práticas Lúdicas das Crianças".

Organizado pelo Instituto de Apoio à Criança, em cuja sede funciona o secretariado, a comissão organizadora do encontro será constituída por Manuela Eanes, Natália Pais e Leonor Santos, do IAC, Jorge Crespo, do Departamento de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa, e Carlos Neto, do Departamento de Ciências da Motricidade da Faculdade de Motricidade Humana.

O encontro, nesta altura ainda com um programa provisório, incluirá a realização de conferências — a proferir por especialistas convidados de Portugal, Itália, Espanha, França e Grécia, que oportunamente serão identificados —, mesas-redondas, comunicações livres e apresentação de posters enquadrados nos seguintes temas gerais: "Bases culturais dos jogos", "Aprendizagem e processos de socialização" e "Objectos e técnicas".

IAC PRESENTE

- Simpósio de Saúde Escolar, "Comunicação Interpares na Promoção da Saúde", em 8 e 9 de Junho, na Fundação Gulbenkian, organizado pelo Instituto de Assuntos Sociais. Exposição do Projecto Rua.
- Manuela Eanes, no programa Bom Dia, da RTP/Porto, a 1 de Junho.
- 1ª Conferência Europeia de Serviços de Atendimento Telefónico na Área da Droga, em 14, 15 e 16 de Junho. Organizado pela Comissão das Comunidades Europeias e pelo Projecto Vida, estiveram presentes Maria do Céu Curto e Manuela Eanes.
- 2º Seminário sobre "A pobreza — mudança/desenvolvimento". Organizado pelo Comissariado Regional do Sul da Luta Contra a Pobreza", no Hotel Altis, em Lisboa, em 26, 27 e 28 de Maio. Manuela Eanes presidiu à mesa sobre "Consciência comunitária, solidariedade interactiva" e Adelina Odete Marques moderou o debate sobre "Integração económica e social dos grupos menos favorecidos do concelho de Almada".
- Manuela Eanes, Adelina Odete, Roque Martins e Luísa Aboim Inglês estiveram presentes, de 14 a 16 de Maio, no Porto, no encontro "Construir a Europa pela solidariedade", organizado pelo Ministério do Emprego e Segurança Social e pela Comissão das Comunidades Europeias.
- 1 de Junho, Dia Mundial da Criança. Cerimónia comemorativa, no Hospital Maria Pia, no Porto, com a presença de Manuela Eanes, Ilse Losa, Fernandes Melo, governador civil do Porto, e Teresa Freitas, subdirectora-geral dos Hospitais.
- Em Itália, Salerno, no I Encontro Operativo do Projecto "Les enfants Révent l'Europe", de 4 a 10 de Junho. Presentes Ana Cristina Ferrão, o animador José Augusto Ramos e nove crianças e mais três parceiros do Projecto.

VENHAM VER A NOSSA EXPOSIÇÃO!!!

UMA EXPOSIÇÃO DE DUAS PAGINAS: "O QUE É UM LIVRO" É A PAGINA 1, "NOS NA BIBLIOTECA, A 2. FOLHEADA A EXPOSIÇÃO, FICA A SABER-SE QUE "TEMOS SURPRESAS: LIVROS... NOVOS... VELHOS... PARA TODOS... FEITOS POR NOS... BRINCADEIRAS... CAMINHOS, PASSEIOS, JOGOS, DANÇAS, HISTÓRIAS, SONS, SONHOS, NA QUINTA DA MACACA". TUDO, TUDO, NA ESCOLA PRIMARIA Nº 1 DA URMEIRA, ORGANIZADO PELO IAC, EM JUNHO. A ELA VOLTAREMOS.

